

A Ética da Amizade em Aristóteles e Suas Contribuições na Relação Professor-Aluno

Mateus de Freitas Barreiro
Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: BARREIRO, Mateus de Freitas; CARVALHO, Alonso Bezerra. A Ética da Amizade em Aristóteles e Suas Contribuições na Relação Professor-Aluno. *In*: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; MARTINS, Raul, Aragão (org.). **A formação ética, moral e em valores na pesquisa em educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 163-182. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p163-182>



A Ética da Amizade em Aristóteles e Suas Contribuições na Relação Professor-Aluno

Mateus de Freitas BARREIRO¹

Alonso Bezerra de CARVALHO²

Introdução

A relação entre Ética e Educação apresenta suas raízes na filosofia grega, sendo ainda presente em diversos campos de pesquisas, tendo como um de seus principais eixos norteadores a Filosofia da Educação, cuja função é a de investigar os problemas educacionais com base nas reflexões da filosofia, pois a produção do conhecimento filosófico faz parte da reflexão dos processos educativos. Ao investigar áreas do conhecimento como a Filosofia e a Educação, há um enorme esforço para se conhecer amplamente as produções bibliográficas sobre a filosofia da ética de Aristóteles e as implicações epistemológicas para os atuais processos educativos. É certo que o ideal de formação ética na Antiguidade não deva ser tomado como um modelo a ser integralmente implantado, mas, com base nas tensões e reflexões com outros autores que também discutiram

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: mateusfbb@gmail.com

² Professor Associado junto ao Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-317-5.p163-182>

problemas relevantes para as atuais práticas de educação, é possível caminhar por temáticas pouco exploradas, que podem proporcionar contribuições para o desenvolvimento de reflexões que visem trabalhar eticamente as relações de amizade, dentro e fora da sala de aula.

Quando se pensa a Educação com base em Aristóteles e em outros autores, é necessário sempre respeitar o significado originário dos conceitos, como foi proposto ao longo do presente trabalho. Ao se retomar Aristóteles e outros autores no contexto ético-educacional atual, será inevitável abrir mão de alguns períodos históricos que fazem parte da passagem da Grécia Antiga para a modernidade, dados os limites deste trabalho, que não conseguirá abarcar a história de vários séculos sobre as questões que envolvem a amizade, ética e outros temas relevantes para a sala de aula. A tarefa de situar a amizade dentro da filosofia, logo leva a uma constatação de que a amizade não apresenta uma definição unívoca entre os filósofos, e também varia de acordo com cada contexto cultural.

Na Grécia Antiga, a amizade que vinculava duas pessoas com interesse em prosperar no âmbito mercantil, não era propriamente considerada uma forma de amizade virtuosa, mas apenas um modo de obter vantagens. Atualmente, as conotações que são mais disseminadas no senso comum ao falar sobre amizade, se afasta da noção de amizade virtuosa como os gregos preconizavam, mas na maioria dos casos, se remete às relações que envolvem papéis sociais referentes a conhecidos, sócios, colegas de escola, colegas de trabalho e outros espaços sociais que proporcionam diversos modos de vínculos sociais.

É notável, que em diversos períodos históricos, a amizade apresentou múltiplas diferenças que variam de acordo com cada época e o modo peculiar que a amizade se estabeleceu entre os pares. Mas também há algo de comum entre amizades, uma vez que a amizade envolve elementos de alteridade, fundamental nas relações humanas nos dias de

hoje, assim como foi na Grécia Antiga. Embora a amizade seja uma palavra comumente utilizada no cotidiano, seu sentido ainda precisa ser delimitado no campo da filosofia e da educação, tendo em vista que o aprofundamento teórico desse conceito poderá contribuir para entender as atuais relações entre professor-aluno no campo dos conflitos que envolvem esta tensão de ensinar e aprender.

Fundamentos Filosóficos do Conceito de Amizade

A história da amizade na filosofia perpassa vários séculos e diferentes tradições filosóficas, sendo crucial entender como a questão da amizade foi posta como um problema da filosofia, pois assim se pode compreender as continuidades e descontinuidades que antecederam o pensamento aristotélico no que concerne à noção de amizade. Na Grécia Antiga, os deslocamentos semânticos da amizade não foram demarcados apenas por rupturas lineares, mas também por diferentes entendimentos que coexistiram sobre a questão, passando pelas epopeias homéricas (poética), e pelos sofistas (sofística) e os distintos significados que foram disseminados por filósofos³.

Em meio à filosofia de Sócrates e Platão, que visava à construção do conhecimento e da formação ética, havia ainda os sofistas, cuja concepção de *Paideia* estava voltada para fornecer seus serviços às pessoas com aspirações políticas. Cabe destacar que o conceito de amizade advém

³ Uma das instituições gregas, que se manteve desde a época homérica até a democracia clássica e as monarquias helenísticas, foi constituída por um modo peculiar de associação entre os amigos: a *beteria*, que se tratava de relação política de amizade, um clube político no qual ingressavam homens da mesma idade e camada social para discutir assuntos políticos, militares e jurídicos da pólis (ORTEGA, 2002, p.18). A *beteria* é uma instituição em que coexistiu formas de pensamento mitológicas, sofisticas e filosóficas ao longo de vários séculos. Mas no ideal educativo da Grécia Antiga predominou o conhecimento filosófico, mesmo que houvesse um entrelaçamento com ideais educativos utilizados em períodos anteriores.

do grego *philia* e veio à tona com Heródoto, no século V a.C., trazido pelos poemas homéricos como adjetivo *phílos*, como verbo *philein* e como o substantivo *philotés*, sendo todos eles ligados aos aspectos das relações interpessoais que remetem às relações de amizade. *Phílos* é utilizado por Homero em uma dupla acepção, o sentido possessivo e o afetivo, com uma predominância acentuada do primeiro (ORTEGA, 2002, p.17). Na poesia *Íliada* e *Odisséia* de Homero, a *philia* é concebida pelo mítico, e nesse período a educação era disseminada por meio da cultura oral das epopeias e a figura dos deuses serviu de inspiração para que os homens pudessem almejar a virtude. A palavra *aretê*, que mais tarde foi traduzida por virtude ou excelência, é nos poemas homéricos utilizadas para descrever a virtude de algo. É certo, que cada época valorizou mais determinados tipos de virtudes em detrimento de outras; por exemplo, na Grécia Homérica, a virtude de coragem foi uma das virtudes centrais naquele tempo, pois era preciso se defender nas batalhas e manter controle da *pólis*.

As diferentes concepções sobre a amizade estiveram presentes na cultura grega e foram reconfiguradas de acordo com as mudanças na *pólis* e nos ideais educativos, no sentido da *Paideia*. Outro ponto a ser destacado sobre a inserção da amizade na filosofia, é que, em termos linguísticos, a filosofia emanou de uma relação com o conhecimento e a amizade, a palavra *filo* (oriunda da amizade – *philia*) e *sofia* (*sophía*, sabedoria). A atividade que aproxima a amizade da sabedoria é a filosofia, que foi construída por meio do exercício de dialogar e interrogar. O interesse em Sócrates pela construção de um saber tem como ponto de partida a interrogação sobre o conhecimento de seus antecessores (denominados pré-socráticos), que se voltavam ao estudo da *physis*⁴. Mas Sócrates tinha

⁴ Segundo Muracho (2015), conceito de *physis* “brotação”, ou seja, o ato dinâmico de brotar e nascer (MURACHO, 2015, p. 14). É comum encontrarmos entre os comentadores de filosofia grega, que a palavra *physis* remete à natureza, mas para conhecer com maior profundidade este

outras preocupações, além dos estudos sobre a natureza e o universo, já que seus anseios também se voltavam sobre a conduta humana, ou seja, sobre o que é bom, o que é justo, e outras indagações sobre como se viver bem. Uma das indagações socráticas sobre a conduta humana é desenvolvida no diálogo *Lysis*, de Platão, na qual a amizade é discutida por Sócrates, que questiona sobre qual é a natureza da amizade, perguntando se a amizade diz respeito a uma espécie de alteridade, ou é fundamentada na semelhança, ou naquilo que não é semelhante (PLATÃO, 1997, p. 24). O diálogo se passa com Sócrates estimulando a interação entre dois adolescentes (*Lysis* e *Menexeno*) sobre qual é a verdadeira natureza da amizade. É notável que no diálogo, Sócrates e os dois garotos não chegaram a uma conclusão do que é a amizade, mas a amizade entre os meninos pode ter sido constatada. A característica aporética⁵ de Sócrates, também é encontrada na discussão sobre um mesmo desejo que mobiliza e dissolve a distinção entre o *eros* (amor) e a *philia* (amizade). A teoria do *eros* nos diálogos platônicos é justamente construída quando é posta em relação com a amizade, em que são discutidos os desejos e afecções em comum nas relações de amor e amizade (PLATÃO, 1997, p. 31). Mas, a reflexão sobre a *philia* platônica também pode ser analisada ao ser posta em relação com a ontologia platônica, na qual o filósofo é amante e amigo da sabedoria e a amizade é

conceito, sugere-se a consulta do artigo “O conceito de *physis* em Homero, Heródoto e nos Pré-Socráticos”.

⁵ O termo aporético (*aporetikós*), diz respeito a aporia; sem solução. Diz-se dos diálogos socráticos de Platão, que se encerram sem uma solução definitiva para a questão examinada, tendo mais valor o exame do problema do que a solução final (JAPIASSÚ, 1990, p. 16). Na obra *Metafísica* de Aristóteles, a aporia é o ponto de partida do método *diaporético*, que consiste em três fases: 1) Levantar as aporias e as dificuldades que são herdadas de uma tradição anterior ou aquelas que não foram anteriormente resolvidas; 2) A separação minuciosa das aporias, consiste na dedução de premissas dialéticas (*endoxa*) das dificuldades que confrontam cada aporia; 3) Consiste no desdobramento de uma solução positiva para cada uma das questões aporéticas colocadas. Essas três fases podem ser descritas respectivamente como aporética, diaporética e euporética. (AGUIRRE, 2010, p. 18-19).

um meio para se buscar a verdade (*alethéia*) por meio da filosofia. Nos diálogos platônicos do segundo período, como em República e o Banquete, em que são propostas por Platão as Teorias das Ideias e o Mito da Caverna, a amizade continua a ter um aspecto racional e está em consonância com a busca pelo conhecimento. É no diálogo com o outro, que a amizade tem a sua importância para construir o conhecimento filosófico.

Mas, sem dúvida, o tratado sobre a amizade de Aristóteles se torna consistente por ser desenvolvido com uma precisão que não foi constatada desde o começo da história da filosofia; o problema da amizade foi posto desde Sócrates, mas o mesmo problema da amizade foi recolocado de modo empírico por Aristóteles, ou seja, a amizade aristotélica é fundamentada nas observações das relações entre os cidadãos para, posteriormente, ser formulada a ideia dos mesmos. A inserção da amizade dentro da epistemologia aristotélica faz parte das ciências práticas, que envolve os estudos da ética e da política, o que torna relevante a escolha de Aristóteles para trabalhar o campo da educação atual, que necessita cada vez mais que a amizade na sala de aula possibilite formar cidadãos. É certo que Aristóteles não criou o termo pedagogia, já que a relação entre a filosofia e a pedagogia era algo natural, pois a filosofia era concebida como um processo educativo.

A obra *Ética a Nicômaco* é subdividida em dez livros, ao passo que a *Ética Eudêmica* contém oito livros, mas em algumas edições os livros são unificados em uma mesma obra. Sobre a discussão entre as obras *EN* e *EE*, é possível constar que a noção de amizade é encontrada na obra *EN* nos livros VIII e IX. A proposta central de *EN* é utilizar as ciências práticas para compreender a práxis do comportamento humano e os pressupostos que envolvem as ações virtuosas. A amizade é uma temática que foi destacada por diversos filósofos da Antiguidade, mas a importância de estudá-la em Aristóteles, para subsidiar as discussões contemporâneas sobre

o tema, reside em sua primazia: foi o primeiro tratado sistematizado sobre ética, que abrange o agir humano e as relações entre os indivíduos, o que destaca sua importância na história da filosofia. Vale, então, aprofundar o que é a noção de amizade, levando a inquietação de que ninguém optaria por viver sem amigos, mesmo que ainda dispusesse de outros bens. O resumo das indagações iniciais de Aristóteles sobre a amizade se encontra na seguinte passagem:

Com efeito, ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que dispusesse de todos os outros bens, e até mesmo pensamos que os ricos, os que ocupam altos cargos, e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos; de fato, de que serviria tanta prosperidade sem a oportunidade de fazer o bem, se este se manifesta sobretudo e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? Ou então como se pode manter e salvaguardar a prosperidade sem amigos? Quanto maior ela for, mais perigos correrá. E por outro lado, as pessoas pensam que na pobreza e no infortúnio os amigos são o único refúgio (*EN VIII*, 1155/2012, p. 163).

Nessa passagem, Aristóteles evidencia a necessidade em se ter amigos acima de outros bens materiais e do poder, mas Aristóteles pondera que em situações adversas como a pobreza, a amizade não é o único refúgio, porém, ela é indispensável para se viver bem, o que ressalta ainda mais a clássica afirmação aristotélica de que o homem é um animal político (*Zoon Politikon*) e necessita viver em uma comunidade (*koinonia*). A amizade também possui elementos éticos, visto que os amigos querem o bem um ao outro, na qual a alteridade se trata de um ideal de virtude que talvez possa se atualizar nas demais relações sociais. Outro ponto que merece destaque, é que a escolha dos amigos depende de certa afeição, porém, em certos contextos como a sala de aula, a amizade une aqueles que fazem parte de um mesmo espaço, mas que formam elos que vão além do espaço

institucional, uma vez que o encontro não é regido apenas por pessoas que buscam os mesmos objetivos institucionais. Mas a amizade entre duas pessoas é o que possibilita ver uma mesma realidade de diferentes formas e, sobretudo, para reorientar condutas que possam contribuir para olhar o outro de maneira recíproca. A necessidade do outro como elemento avaliativo das ações é o que possibilita formar um cidadão ético e participante da comunidade política, mas, de fato, a mediação de outrem é o que possibilita a reciprocidade e por entender a si mesmo.

Aristóteles já evidenciou que o amigo é um outro eu. Essa concepção dos gregos para se conhecer a si mesmo por meio do outro também diz respeito às reflexões sobre a aquisição do conhecimento, pois o ensino pode ser comumente concebido como uma didática fechada que sempre segue passos preestabelecidos, sem a interação do outro como elemento participativo na construção do conhecimento, na qual limitaria as possibilidades de interação do aluno como um agente participativo do conhecimento. Outro aspecto relevante para a educação, é que Aristóteles não tinha uma concepção de uma pólis una e homogênea, mas considera que a pólis possa ser formada por cidadãos singulares que formularam leis e são regulados por elas, mas essa concepção de diversidade fica evidente apenas em Política. A concepção de pluralidade dos cidadãos parece não ser algo de fácil apreensão em EN, visto que amizade virtuosa ou perfeita ocorre apenas entre os semelhantes. Entretanto, mesmo que em EN não esteja explícito como se dá a amizade entre os dessemelhantes, há algumas alusões de relações de amizade entre jovens com os mais velhos, e entre os que mantêm uma relação de utilidade (*EN VII*, 1155/2012, p. 129). Porém, a amizade baseada na utilidade é a forma mais frágil de amizade, e possui características acidentais. A amizade baseada na utilidade tem, em sua consistência interna, o caráter acidental, pois a pessoa não é considerada por seu caráter, mas apenas pela utilidade que gera. Aristóteles

considera que esse tipo de amizade acidental tende a se desfazer facilmente, caso as partes não mantenham os elos como eram no início, porque se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la (*EN VIII*, 1155/2012, p. 166).

A amizade centrada no prazer é similar à amizade baseada na utilidade, por ter seu caráter eminentemente acidental, tendo em vista que a amizade se perpetuará somente enquanto durar o prazer. Aristóteles se refere à amizade baseada no prazer em relação aos jovens que constantemente buscam o prazer; porém este prazer não tem continuidade, mas apenas intensidade. O único tipo de amizade em que o indivíduo é considerado virtuoso é a amizade perfeita. Para Aristóteles, a amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos (*EN VIII*, 1155/2012, p. 167).

O costume em pensar nos interesses coletivos da cidade, é próprio da amizade para os devidos fins políticos, que na Antiguidade ocorria em um espaço público-político. Mas nos dias de hoje, a amizade política, está perdendo espaço para as relações sociais que são voltadas para os interesses em bens privados, sendo característico de um modo de viver utilitarista, em que se visa obter meios eficazes para atingir finalidades que podem servir a determinados aparelhos ideológicos como o Estado, as organizações e a família. Na Renascença foi possível constatar a falta de interesse por parte dos filósofos em relação à amizade. Bacon, por exemplo, trata da amizade de modo breve, dedicando-lhe poucas páginas em seus célebres *Ensaio* e Kant faz o mesmo em suas *Lições de ética*. Schopenhauer, Nietzsche e Croce também escreveram a respeito da amizade, mas apenas, pode-se dizer com a mão esquerda (BALDINI, 2000, p. 11).

Foi na Renascença, sobretudo, a partir do pensamento de Montaigne, que a amizade se tornou um fenômeno exclusivo do espaço

privado, um acontecimento que se restringe a ele e ao amigo, que se afasta da noção de amizade como um fenômeno público (ORTEGA, 2002, p.95). É notável que o declínio da amizade política e a ascensão da organização familiar, haviam ocorrido muito antes da Renascença e se deve, principalmente, a uma herança proveniente da tradição cristã, que teve seu ápice na Idade Média, mas que ainda se perpetua na sociedade contemporânea sob uma óptica mercantilista.

Ao discutir os paradigmas das noções de amizade em diferentes contextos, é preciso tecer uma ressalva, de que para entender a história da amizade ao longo de vários séculos, se torna fundamental um estudo historiográfico aprofundado que ultrapassará os limites deste capítulo. Desse modo, o processo de construção cultural em torno da amizade é fortemente marcado pela cultura de cada época, mas o modo como a concepção de amizade foi se modificando ao longo da história, faz parte um processo heterogêneo de pensamentos que sofre rupturas e continuidades. A amizade enquanto um problema do conhecimento vem sendo retomada no século XX e XXI por filósofos, educadores, sociólogos e psicólogos que investigam a amizade dentro do espaço privado, que foi iniciada com na Renascença.

A crise atual nas relações sociais é peculiar ao próprio processo de subjetivação que a sociedade contemporânea produz em que a amizade por utilidade e prazer, são valorizadas em diversos meios sociais, incluindo até mesmo a sala de aula. Ao discutir a importância da ética em Aristóteles no campo educacional, há possibilidades de vislumbrarmos mudanças na formação ética de alunos e professores na tentativa de formar cidadãos virtuosos. Porém, a tentativa em desenvolver a ética das virtudes na sala de aula, é uma tarefa árdua, pois os esforços necessários para ser virtuoso, tende a se chocar com a cultura utilitarista e hedonista da sociedade contemporânea, em que coisas precisam ter soluções rápidas e prazerosas.

As características utilitaristas e hedonistas que fazem parte da sociedade contemporânea são caracterizadas por alguns autores como fenômenos da sociedade moderna ou pós-moderna. Qualquer definição sobre o que é modernidade ou pós-modernidade, envolve diversos paradigmas sobre o conceito de sociedade, cultura e arte. Embora alguns autores entendam que a pós-modernidade é uma ruptura com a visão renascentista da modernidade, entende-se aqui que a passagem da modernidade para a pós-modernidade culminou na forma de um processo contínuo: “éramos, de fato, tal como nossos predecessores imediatos, modernizadores compulsivos e obsessivos” (BAUMAN, 2010, p. 11).

Desse modo, na sociologia de Bauman, a modernidade é considerada um processo social e intelectual que começou no Iluminismo e se estendeu na sociedade industrial. Atualmente o sociólogo utiliza o termo modernidade líquida para se referir a um tempo que atingiu seu auge no século XXI, tendo como características a passagem de estruturas sociais sólidas para a competição e consumo; a responsabilidade de fracassos remetidos ao plano individual; a dificuldade em amar o próximo; o processo de apaixonar-se e desapaixonar-se constantemente. (BAUMAN, 2004) Em Amor líquido, Bauman refletiu sobre a característica volátil do mundo moderno e seus reflexos na (de)formação de uma subjetividade consumista que permeia o modo como os vínculos sociais são (des)construídos (BAUMAN, 2004, p. 14). Pensando a amizade sob contexto diferente dos gregos, podemos constatar a superficialidade nas amizades, através dos incontáveis amigos que as pessoas buscam nas redes sociais, ou ainda, a rapidez com que as pessoas tendem a construir e desconstruir uma amizade.

Ética da Amizade e a Relação Professor-Aluno

O desejo que as pessoas têm em preencher o vazio existencial característico da sociedade contemporânea tende a afetar mais ainda os adolescentes, que estão em uma fase de formar grupos de amigos e vivenciar novas experiências. A amizade por prazer também pode ser concebida como uma das buscas de identificação entre os membros de um grupo de amigos. Ao pensar como a educação está imbricada em uma lógica utilitarista, em que a sala de aula é concebida apenas como um local para formar sujeitos racionais e como isso pode ocasionar um processo de patologização, já que tudo aquilo que foge às normas da escola é concebido como anormalidade, é preciso encontrar mecanismos de apropriação dessa nova realidade em prol do desenvolvimento ético. A atitude crítica perante os hábitos hedonistas da modernidade, requer formação, e antes de tudo, um esforço para reorientar os pensamentos individualistas, em que a formação ética poderá contribuir no cotidiano dos alunos e professores.

Mesmo havendo diferença entre o professor-aluno, este encontro é constituído em um espaço comum – a sala de aula, que pode ser um lugar não apenas voltado para a aprendizagem de conteúdos utilitaristas, mas um lugar onde também é possível se relacionar com o outro, contribuindo para a formação de um sujeito com senso de justiça e responsabilidade perante a sociedade. Por outro lado, é preciso pontuar as diferenças entre a amizade professor e aluno, sem delimitar as diferenças advindas deste vínculo; haverá uma incongruência de ordem epistemológica e pedagógica. A formação do indivíduo virtuoso na Grécia Antiga ocorreu em um contexto no qual a amizade entre professor-aluno envolvia uma relação de amizade entre mestre-discípulo. O mestre não é apenas aquele que transmite verdades para o discípulo memorizar, como se não houvesse uma história de vida e uma realidade social entrelaçada entre ambos. Este entrela-

çamento entre história de vida e realidade social poderia ser o ponto de partida para a construção e interlocução de ambos, para que possa ser construído um diálogo que questione sobre as instituições contemporâneas, que deveriam formar cidadãos críticos e virtuosos.

A relação professor-aluno não deve ser entendida no sentido do senso comum, como um mero vínculo amistoso entre duas pessoas. O objetivo da amizade em um contexto educacional requer determinadas condições para que o professor estabeleça propostas práticas para que o aluno possa tentar ser virtuoso em suas ações, bem como instigar o aluno a chegar a ser um sujeito ativo no processo de construção do conhecimento. É certo que todas as relações de amizade passam por tensões, inclusive a relação entre professor e aluno, pais-filhos ou relações amorosas. Primeiramente, a amizade não é um sentimento imutável, mas suas tensões talvez possam ser superadas pelo entendimento das causas que geraram o conflito, em que o encontro entre os amigos tem o sentido de melhorar a si mesmo e o outro. Em contrapartida, nem todo o tipo de amizade se propõe a superar os conflitos inerentes às relações interpessoais, pois o propósito de cada amizade pode variar drasticamente, como propôs Aristóteles. Uma das saídas para tentar responder a esses conflitos que ocorrem nas relações pessoais, dentro e fora da sala de aula, pode ser por meio de um trabalho sobre a “ética das virtudes”, que poderá trazer elementos para as reflexões sobre a formação de professores e as práticas pedagógicas.

A proposta de retomar Aristóteles no âmbito da formação de professores e das práticas pedagógicas foi enfatizada no artigo, *Aristotle for Teachers as Moral Education*, em que é sustentada a tese de que, com a filosofia de Aristóteles é possível ter uma base conceitual para fornecer elementos necessários para a formulação de programas em educação que preparem os professores para desenvolver a questão da formação do caráter

na sala de aula (ROBENSTINE, 1998, p. 107). Entre autores que retomam Aristóteles em contextos educacionais, destacam-se Thomas Lickona, Kevin Ryan, Edward Wyne, Stephen Tigner e outros. Esses autores partem do pressuposto de que a virtude não é assimilada por meio de contingências verbais racionais, pois a virtude se concretiza, sobretudo, pelo hábito, e pode ser desenvolvida por meio de reflexões sobre a experiência concreta que os alunos vivenciam. A proposta de formar o caráter virtuoso dentro das escolas faz parte do modelo da educação criado por Thomas Lickona, que originou o livro *Education for Character: How our Schools can Teach Respect and Responsibility* (1991), em que Lickona propõe aspectos cruciais para a formação de professores e das práticas pedagógicas no que concerne o desenvolvimento das virtudes morais e intelectuais.

O referencial de Aristóteles permite lembrar que, nos tempos modernos, a importância da vida virtuosa é esquecida, incluindo o autocontrole e a moderação, bem como outras virtudes orientadas para a generosidade e a compaixão. É necessário estarmos no controle de nós mesmos – nossos apetites ou nossas paixões – em direção ao outro (LICKONA, 1991, p. 65). Ao longo da obra, o autor ressalta as conexões entre os aspectos intelectuais e morais na escola, argumentando ser necessária a inclusão de um currículo acadêmico que discuta questões morais para que as escolas efetivamente formem alunos inteligentes e éticos. Basta lembrar que, em EN, a aquisição das virtudes nem sempre pode ser incorporada por meio da racionalidade oriunda da virtude intelectual, pois é preciso que exista a mediação da virtude moral para que as condutas virtuosas sejam desenvolvidas por meio do hábito. Desse modo foi destacado, tanto para a formação de professores quanto para as práticas pedagógicas a necessidade em desenvolver um olhar atento sobre os dualismos entre teoria-prática, razão e emoções e etc. Sob o ponto de vista

da formação de professores, Lickona dedica o quinto capítulo de seu livro – *The Teacher as Careviger, Model and Mentor* – para discutir a importância do professor como cuidador, modelo e mentor na educação dos alunos. Na sala de aula, os alunos têm dois tipos de relações: a sua relação com o professor e o seu relacionamento uns com os outros. Os professores podem servir como mentores fornecendo pressupostos éticos por meio da explicação, discussão de fatos, encorajamento pessoal e feedback quando um aluno magoa o outro ou a si próprio (LICKONA, 1991, p. 83-84). Nesse sentido, é possível escutar os alunos e desenvolver narrativas de dilemas éticos para refletir como esses dilemas ocorrem no cotidiano dentro e fora da sala de aula.

A vivência na sala de aula apresenta diversas oportunidades para trabalhar situações de conflito. Lickona (1991) sugere cinco pressupostos básicos para se trabalhar práticas pedagógicas que abarquem o conflito na sala de aula, a saber: (I) um plano de currículo que coloque os alunos para pensar, escrever e falar sobre os vários tipos de conflitos; (II) desenvolvimento de habilidades que são ensinadas por alunos-monitores para prevenir e resolver conflitos; (III) utilizar as reuniões de classe para resolver conflitos que ocorrem entre os membros da classe e estabelecer normas de resolver conflitos de forma justa e sem violência; (IV) intervir, quando necessário para ajudar os alunos a desenvolver suas habilidades interpessoais no momento de um conflito real; (V) tornar os alunos cada vez mais responsáveis para trabalhar seus conflitos sem o auxílio de um adulto (LICKONA, 1991, p. 300). Esses pressupostos básicos que nortearam as práticas pedagógicas desenvolvidas por Lickona, auxiliaram na tarefa de discutir a amizade como possibilidade de formação ética na relação professor-aluno em um contexto ético-educacional.

Como prática pedagógica para resolver conflitos, o professor também poderá organizar reuniões que tratem da queixa de seus alunos,

mas sem citar o nome dos alunos, pois poderá expor os envolvidos no conflito, e poderá levar os envolvidos a adotar uma postura de negar os problemas. Ao descrever um dilema moral, o professor poderá pensar em conjunto com os alunos como surgiu este conflito: “Qual a causa deste conflito?”. Em seguida, ele poderá perguntar, como é que cada pessoa se sentiu neste conflito? Essas questões poderão levar a classe a propor qual será a melhor solução para esse conflito.

O maior desafio dessas práticas que trabalham a formação ética será o de elaborar práticas pedagógicas, que não dizem respeito apenas ao ensino dos conceitos do ponto de vista teórico, mas pensar como os alunos poderão incorporar a ética como modo de vida. Tendo em vista que a amizade é uma virtude que coexiste com as emoções de rivalidade, o ensino de pressupostos éticos como a amizade, ética, a virtude, entre outros, poderá não ser o suficiente para que o aluno internalize uma conduta virtuosa, pois é preciso que ele reconheça o pensamento que pode gerar uma ação, e pense nos desdobramentos de uma ação sem ir para um extremo ou outro. A proposta de desenvolver práticas pedagógicas para formar eticamente o aluno por meio do hábito de agir virtuosamente, tem o intuito de justamente cobrir a lacuna que o ensino de princípios gerais teóricos sobre a ética não obtém êxito, pois a incorporação da virtude moral advém da experiência empírica do aluno com a sua realidade.

As reflexões sobre a amizade como um elemento de formação ética serão úteis na discussão de exemplos cotidianos ao tratar dos dilemas morais que os alunos vivenciam na sala de aula. Pois quando o aluno se depara com uma experiência direta que envolva um dilema ético, é possível que ele avalie seus desejos conflitantes e, no processo de elaboração das decisões que incidam em uma ação, o aluno e os demais agentes envolvidos poderão rever suas decisões e contribuir para consigo mesmos, com a escola e com a sociedade.

Considerações Finais

O presente trabalho inseriu-se no domínio da Filosofia da Educação, tendo como principal propósito trazer as contribuições da ética da amizade, com foco em Aristóteles, para o campo da educação, com a tese central de investigar como a noção de amizade em Aristóteles pode contribuir para as relações professor-aluno. Para fundamentar os elementos conclusivos dessa tese central, primeiramente buscou-se respeitar o significado originário da noção de amizade para Aristóteles, tendo como ponto de partida a retomada do conceito de amizade enquanto problema da filosofia, desde a Grécia Antiga, rompendo, assim, com uma compreensão mítica da realidade. Na educação brasileira a pesquisa e maior investigação do conceito de amizade em Aristóteles, constitui-se um campo fértil, visto que a rivalidade entre professor aluno envolve múltiplas causas psicológicas, sociais, culturais e de formação docente aquém das reais necessidades exigidas para uma educação plena, do ponto de vista da formação do homem.

Neste momento, à guisa da conclusão, torna-se fundamental sintetizar as implicações pedagógicas que a noção de amizade aristotélica, poderá ter para contribuir com as ressonâncias na formação de professores e nas práticas pedagógicas: 1) A formação ética depende de uma atitude filosófica do docente que possibilite refletir, indagar e nortear as ações que contribuam na difícil tarefa de formar alunos virtuosos na atual cultura utilitarista e hedonista. 2) As diversas formas de relações sociais desenvolvidas em sala de aula também são emocionais, fato que expõe como condição necessária o desenvolvimento da virtude moral, visto que a mesma não depende apenas do conhecimento, mas da ampliação de experiências cotidianas que propiciem o hábito dos alunos para praticar ações virtuosas. 3) A construção do conhecimento ocorre na relação entre

sujeito e objeto, em que a sala de aula se apresenta como um espaço para trabalhar os aspectos éticos e epistêmicos do aluno. 4) A pedagogia da amizade que se estabelece na relação professor-aluno visa formar um sujeito ativo para formular suas hipóteses, análises e saídas significativas para dar sentido à produção do conhecimento, à sua existência e à do outro.

A partir das sínteses gerais formuladas acima, conclui-se que a qualidade na relação entre professor-aluno, é uma das principais condições que proporcionam a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento, sendo uma relação pedagógica marcada pela conjunção entre razão e emoção, bem como pela dimensão ética e epistêmica. A proposta de desenvolver práticas pedagógicas para formar eticamente o aluno por meio do hábito de agir virtuosamente, tem o intuito de justamente cobrir a lacuna que o ensino de princípios gerais teóricos sobre a ética não obtém êxito, pois a incorporação da virtude moral advém da experiência empírica do aluno com a sua realidade.

As reflexões sobre a amizade como um elemento de formação ética serão úteis na discussão de exemplos cotidianos ao tratar dos dilemas morais que os alunos vivenciam na sala de aula. Quando o aluno se depara com uma experiência direta que envolva um dilema ético, é possível que ele avalie seus desejos conflitantes e, no processo de elaboração das decisões que incidam em uma ação, o aluno e os demais agentes envolvidos poderão rever suas decisões e contribuir para consigo mesmos, com a escola e com a sociedade.

Referências

AGUIRRE, J. La forma aristotélica y la solución de las apórias del libro beta. **Eidos**, v. 2, n. 12, p. 158-200, 2010.

ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BALDINI, M. **Amizade & filósofos**. Trad. Antônio Angonese e Laureano Pelegrini. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JAPIASSÚ, H. **Dicionário básico de filosofia**. São Paulo: Zahar, 1990.

MURACHCO, H. G. O conceito de physis em Homero, Heródoto e nos pré-socráticos. **Hypnos**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 11-22, 2015.

ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PLATÃO, A. **República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

ROBENSTINE, C. Aristotle for teachers as moral educators. **Philosophy of Education Archive**, v. 1. n. 2, p. 107-114, 1998.

